Diversidade
— Investigação
O complexo espaço
da comunicação
pela arte

Diversity
— Research

The complex space of communication through art



Diversidade
— Investigação
O complexo espaço
da comunicação
pela arte

Diversity
— Research
The complex space of communication through art







Uma Cereja na Génese de Eugénio e Zé Rodrigues

A Cherry on the Genesis of Eugénio and Zé Rodrigues

ÁGATA RODRIGUES E ANTÓNIO OLIVEIRA curadoria/curatorship

Esta exposição, integrada na XXI Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira, pretende homenagear dois amigos que tinham ambos as mãos abertas em direção ao infinito. Um pintava as cerejas com as letras mais lisas e rubicundas que herdou da sua terra, o outro gravou na tela e no pergaminho da sua cidade uma cerejeira em flor.

Por isso, decidimos reunir as obras e os poemas de um e de outro que versam sobre o tema da cereja.

Para tal, selecionamos algumas obras nunca expostas, que o Mestre pintou nos últimos anos da sua criação, quando a doença já lhe comia a luz dos seus olhos, e outros tantos quadros, mais antigos, que ele pintou entre 1990 e 2010, quando prendava um amigo cada vez que este lhe trazia um cestinho de cerejas, do Alto Douro.

E isso aconteceu durante 20 anos. Entre uns e outros desenhos/quadros vão duas épocas bem distintas que marcam dois estilos bem diferentes.

Para tornar esta exposição mais genuína e mais rica, pedimos a colaboração de amigos de ambos os artistas que não se fizeram rogar. Queremos, pois, deixar o nosso agradecimento à Câmara Municipal de Alfândega da Fé, a Artur Moreira, a Aurélio Mesquita, a Cristiano Moreira (Mariana Sousa Moreira), a Dario Gonçalves, a Sousa Pereira.

This exhibition is integrated in to the XXI Cerveira International Art Biennial, and it intends to honour two friends who had both hands open towards the infinite. One painted the cherries with the smoothest and most reddish letters inherited from his land; the other engraved a cherry blossom on the canvas and on the parchment of his city.

For this reason, we decided to bring together the works and poems from both artists, which deal with the theme of the cherry. To this end, we selected some unreleased works that the Master painted in the last years of his creation, when the disease was already eating the light out of his eyes, and many other older paintings made between 1990 and 2010, when he gifted a friend each time he brought him a basket of cherries from Alto Douro.

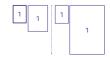
And that happened for 20 years. Among many other drawings/paintings, there are two very different periods that mark two very different styles.

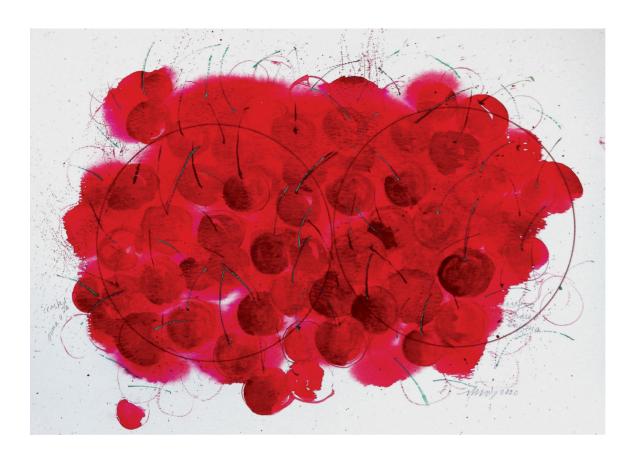
In order to make this exhibition more genuine and richer, we ask for the collaboration of friends of both artists, who have willingly taken up the challenge. Therefore, we want to thank, the Municipality of Alfândega da Fé, Artur Moreira, Aurélio Mesquita, Cristiano Moreira (Mariana Sousa Moreira), Dario Gonçalves, Sousa Pereira.





JOSÉ RODRIGUES [1] inéditos não publicados /unreleased unpublished





É sempre escura a sombra...

Eu conheço o José Rodrigues há milhares de anos: se não me engano, encontramo-nos pela primeira vez nas grutas de Altamira [...] aos vinte e poucos anos o Zé era outra coisa - simpático, barba bem tratada, atelier ali para as Fontainhas, uma maneira fácil e feliz de comunicar, sobretudo com a garotada de S. Vitor, que lhe batia à porta pelo barro com que gostava de brincar. Distante do pesadelo da guerra colonial, ele necessitava daquele desprendimento juvenil, como juvenil era a curiosidade por toda a espécie de material, barro, papel, ferro, pedra, carvão, grafite: tudo os seus dedos procuram aquecer, moldar, como se pensasse com as mãos, o instinto sempre à frente farejando, no rasto da luz ou de um aroma, rente ao chão. [...] e era uma alma generosa, e, coisa mais rara ainda num português, era homem de palavra, fazia o que prometera. [...]. Ouando me pediram uma palavras sobre José Rodrigues, eu andava com um verso de Victor Hugo na cabeça – L'ombre est noir toujours même tombant des cygnes- um verso que Valéry diz ser o mais belo dele, ou talvez do mundo, que para exageros aí estão os franceses. Procurava fazer daquelas sílabas esplêndidos um alexandrino português que não fosse indigno de tal reputação:

É sempre escura a sombra, até mesmo a dos cisnes.

"Aqui o tem: ofereço-lho porque me sinto orgulhoso de haver catado essa música onde se pressentem já os sortilégios do simbolismo, mas ainda próxima de um fazer rente ao dizer, princípio de uma poética de que lhe venho falando há milhares de anos, talvez desde o nosso primeiro encontro, nas grutas de Altamira".

Eugénio de Andrade "À sombra da memória", p. 75

The shadow is always dark...

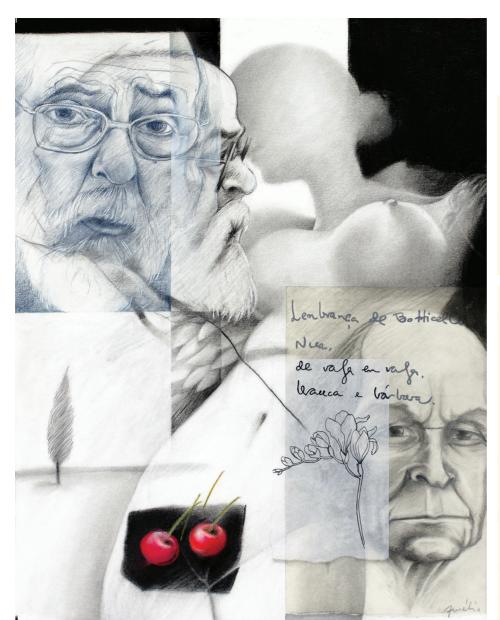
I have known José Rodrigues for thousands of years: if I'm not mistaken we met for the first time in the caves of Altamira [...] Zé was different in his twenties - he was nice, with a wellgroomed beard, his atelier was located in Fontainhas, had an easy and happy way to communicate, especially with the kids of St. Vitor, who used to knock on his door asking for the clay they loved to play with. Away from the nightmare of the colonial war, he needed that youthful detachment, and also young was his curiosity for all kinds of material, such as clay, paper, iron, stone, coal, graphite: his fingers tried to warm up and shape everything, as if thinking with his own hands, an instinct always searching for the trail of light or a specific aroma. [...] And he was a generous soul and, even rarer in the Portuguese people, he was a man of his word, he did what he promised. [...] When I was asked to write about José Rodrigues, I remembered a verse by Victor Hugo in my head - L'ombre est noir tou-

bered a verse by Victor Hugo in my head - L'ombre est noir toujours même tombant des cygnes- Valéry says that it is the most beautiful verse ever made by him, or perhaps in the whole world, because French people are exaggerated. He tried to create a Portuguese Alexandrian from those splendid syllables, someone who was worthy of such a reputation:

The shadow is always dark, even that of the swans.

"Here you have it: I offer it to you because I am proud to have picked up this song where the spells of symbolism can already be sensed, but they are still close to live up to the saying, the beginning of a poetics I have been talking about for thousands of years, perhaps since our first meeting, in the caves of Altamira".

Eugénio de Andrade "In the Shadow of Memory", p. 75







ARTUR MOREIRA [2]

Portugal CEREJAS PARA O ZÉ E PARA O EUGÉNIO, 2020 aguarela/watercolour 36x51 cm

AURÉLIO MESQUITA [3]

Portugal O VER E O SENTIR, 2020 desenho a grafite, carvão e colagem /graphite drawing, charcoal and collage 50x70 cm

Em jeito de biografia

À sombra de uma cerejeira em flor moram dois amigos. Um com os pés cheios de feno e da seiva do Fundão. O outro, oriundo de Luanda, trazia nas suas mãos um raminho de oliveira para plantar em Alfândega. Irmãos de uma mesma cepa, partilharam o mesmo mosto encarnado das cerejas da sua terra. E levaram para o Porto os sonhos entrançados no coração de uma e mesma cerejeira. Entre o mar e a sua fonte tinham o mesmo afluente, consubstanciando numa só corrente, o corpo mutilado de barro, o voo de uma ave adormecida e o desejo exasperado do infinito. Juntos deram beleza ao mundo e à vida, numa fé pura e inteira, até que adormeceram à sombra de uma cereieira.

António Oliveira

JOSÉ RODRIGUES [4]

Angola CEREJAS, 2015 desenho a caneta, pastel e colagens /drawing with pen, pastel and collages 30x20 cm

In the form of biography

Two friends live in the shade of a blossoming cherry tree. One had his feet full of hay and sap from Fundão. The other one, from Luanda, carried in his hands an olive sprig to plant in Alfândega. Brothers from the same strain, they shared the same red wort from the cherries of their land. And they took their dreams to Porto, entwined in the heart of one single cherry tree. Between the sea and its source they had the same tributary, embodying in a single stream, the mutilated clay body, the flight of a sleeping bird and the exasperated desire for infinity. Together, they gave beauty to the world and to life, in a pure and whole faith, until they fell asleep in the shadow of a cherry tree.

António Oliveira





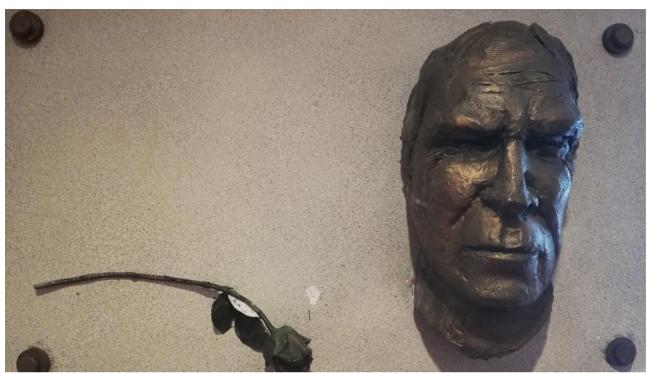






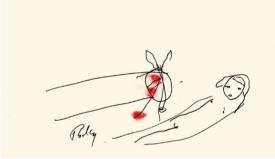












M. SOUSA PEREIRA [5]

Portugal MEU QUERIDO MESTRE, 2015 met Queribo Mes i Re, 2015 estudo para um retrato do escultor José Rodrígues gesso patinado/patinated plaster 45x45x35 cm

JOSÉ RODRIGUES [6]

Angola
CEREJAS, 2015
desenho a caneta, pastel e colagens
/drawing with pen, pastel and collages
30x20 cm

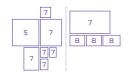
M. SOUSA PEREIRA [7]

Portugal EUGÉNIO DE ANDRADE (MÁSCARA), 2019 gesso patinado/patinated plaster 100x60 cm

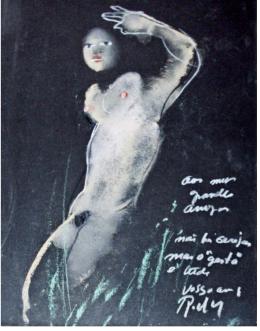
JOSÉ RODRIGUES [8]

Angola CEREJAS, 2015

desenho a caneta, pastel e colagens /drawing with pen, pastel and collages 30x20 cm









JOSÉ RODRIGUES [9]
Angola
CEREJAS PARA UM AMIGO
(CRISTIANO MOREIRA), S / DATA
desenhos a caneta, pastel
e técnica mista com colagens
/drawing with pen, pastel
and mixed media with collages
dimensões variáveis/variable dimensions



Não sei de onde vem esta bruma, se dos meus olhos, se do rio. Um sol frouxo, próprio

das manhãs de domingo, escurecia o vermelho, o amarelo das casas. Dentro de mim, a musical

floração das cerejeiras havia começado. Noutro lugar, noutro dia. E de repente começou a cantar

um pássaro inesperado, um ramo que não havia, no céu tranquilo onde a manhã total principia.

Eugénio de Andrade Os lugares do lume (Places of flame)









EM ABRIL CANTAM

Em abril as crianças cantam com a chuva. Trepam aos ramos matinais das cerejeiras e cantam à espera do sol. Quando o sol demora entram a cantar pelos olhos de deus. À noite cintilam.

Eugénio de Andrade Rente ao dizer (Close to Saying)



Pêssegos, peras, laranjas, morangos, cerejas, figos, maçãs, melão, melancia, ó música de meus sentidos, pura delícia da língua; deixai-me agora falar do fruto que me fascina, pelo sabor, pela cor, pelo aroma das sílabas: tangerina, tangerina.

Eugénio de Andrade Pequeno formato (Small format)

